

Merleau-Ponty: O corpo como obra de arte

Terezinha Petrúcia da Nóbrega *

*Não é ao objeto físico que o corpo pode ser comparado,
mas antes à obra de arte.¹*

Resumo

Em Merleau-Ponty, o corpo é obra de arte e sua linguagem é poética. Merleau-Ponty define um olhar expressivo sobre o corpo, configurando uma linguagem sensível que é expressa nos movimentos. Apresenta uma nova concepção de percepção, como acontecimento da motricidade e um novo arranjo para o conhecimento, o estético, desenhando, com traços significativos, sentidos para uma compreensão densa da corporeidade. A corporeidade é compreendida no arranjo paradoxal do corpo em movimento. Desse modo, a percepção é um elemento significativo para compreender a "operação expressiva do corpo, iniciada pela menor percepção, que se amplifica em pintura e em arte".

Em Merleau-Ponty, o corpo é obra de arte e sua linguagem é poética. Merleau-Ponty define um olhar expressivo sobre o corpo, configurando uma linguagem sensível que é expressa nos movimentos. Apresenta uma nova concepção de percepção, como acontecimento da motricidade e um novo arranjo para o conhecimento, o estético, desenhando, com traços significativos, sentidos para uma compreensão densa da corporeidade. A corporeidade é compreendida no arranjo paradoxal do corpo em movimento. Desse modo, a percepção é um elemento significativo para compreender a "operação expressiva do corpo, iniciada pela menor percepção, que se amplifica em pintura e em arte".²

Merleau-Ponty confere ao corpo um lugar de destaque em sua reflexão, mas, ao tratar da questão, envolve-se diretamente com as contradições e polêmicas da relação mente e corpo, as quais remontam às primeiras construções filosóficas, fortalecendo-se na Metafísica Cartesiana e permanecendo no debate contemporâneo sob as mais diferentes formas.

* Universidade Federal do Rio Grande do Norte/ Departamento de Educação Física. Doutora em Educação

1. Merleau-Ponty, 1994, p.208.

2. Merleau-Ponty, 1997, p.73

Na *Fenomenologia da Percepção*, certamente sua obra de maior projeção, propõe a radicalização da obra de Husserl, interrogando a fundação da Fenomenologia enquanto ciência do rigor, ou, fenomenologia transcendental. Nesse sentido, busca aprofundar as teses da Fenomenologia, como o mundo vivido, a redução e a intencionalidade da consciência, circunscrevendo-as no corpo e no fenômeno da percepção.³ A percepção é compreendida, não como uma representação mentalista, mas fundamentalmente ligada ao movimento, envolvendo-se com a fenomenologia existencial.

Entre a fenomenologia transcendental e o movimento da existência aparecem as contradições, ou a ambigüidade de seus primeiros escritos, apontada por seus críticos e comentadores. Essa ambigüidade reflete o envolvimento com a filosofia da consciência, fazendo-o retomar constantemente os postulados da análise reflexiva, o predomínio da consciência, mesmo que seja para criticar a redução da consciência ao pressuposto racionalista, à maneira do cogito cartesiano, definindo o sujeito pelo "eu penso". A ambigüidade aparece também ao empenhar-se na tentativa de enraizar a consciência no corpo, reconhecendo o poder desvelador desta.

O esforço de Merleau-Ponty está no advento das condutas perceptivas, com o exame das noções tradicionalmente propostas pelas chamadas ciências do vivo, especialmente a Fisiologia, a Neurobiologia e a Psicologia, criticando o comportamento humano como superposição de reflexos, estudados artificialmente em laboratórios, ou criticando a existência de uma força vital que comandaria os mecanismos corporais, como a alma ou o ego. Fundamentando-se, inicialmente, na teoria da Gestalt, Merleau-Ponty enfatiza o conceito de estrutura, demonstrando o fracasso das antinomias clássicas, como consciência e natureza, alma e corpo e reconhecendo o que há de mecânico e intencional no comportamento humano, sem considerá-los isoladamente.⁴

Merleau-Ponty pôs em questão o estatuto do sujeito e do objeto, modificou a maneira tradicional de acercar-se da linguagem e da arte, desvendou a dimensão ontológica do sensível e criticou o humanismo. Sobretudo, sua filosofia permitiu o surgimento de outras formas de compreender a essência humana, inserindo-a na vida e na dispersão dos acontecimentos, criticando a soberania da consciência e das representações. A descoberta do corpo reflexionante influenciou Lefort, Foucault, Delleuze e Guattari. Esses autores se empenharam na descrição da desarmonia corporal, do corpo fragmentado, unificando-se

3. Merleau-Ponty, 1994.

4. Robinet, 1963

precariamente na arte, no desejo e na ação disciplinadora, enquanto Merleau-Ponty ocupa-se da harmonia corporal, do corpo consigo mesmo, com as coisas e com os outros. Há também o impensado de Merleau-Ponty, na descoberta do corpo como impossibilidade da reflexão completa, na recusa do sujeito absoluto que, desprovido de corpo, sobrevoa o mundo e os acontecimentos e na ontologia do sensível.⁵

Em *O Visível e o Invisível*, obra inacabada, assume uma postura segundo a qual nem tudo pode ser desvelado pela consciência perceptiva, pois, há sempre a sombra, o impensado, o invisível, até mesmo o oculto. Expõe também uma compreensão radicalizada em relação ao corpo, na constituição de uma ontologia. A ontologia, por sua vez, desdobra-se em epistemologia, nos caminhos da percepção, da experiência e do conhecimento sensível.

As notas de *O Visível e o Invisível* contêm o projeto de Merleau-Ponty para aprofundar e ampliar as idéias contidas em suas primeiras obras, enfatizando a subjetividade encarnada e reconhecendo a impossibilidade de manter o ponto de vista da consciência. O seu projeto é enfatizar o sentido do corpo e do sensível como realidade essencial do humano. Essa trajetória de Merleau-Ponty não é marcada por uma primeira fase de adesão à filosofia da consciência e uma outra fase de definição da ontologia do sensível, sem comunicação entre ambas. Desde os primeiros trabalhos já se delineia a corporeidade como realidade ontológica, sendo inegável a relação da corporeidade com o sensível e deste com a realidade do corpo em movimento.

Considerando a época em que Merleau-Ponty escreve os seus trabalhos, Novaes⁶ argumenta que o olhar expressivo, o olhar linguagem do discurso existencial, já sofreu a redução ideológica de Marx, da vontade de poder de Nietzsche - eu acrescentaria: da noção de inconsciente de Freud -, sabendo-se cativo das necessidades e impulsos da corporeidade Merleau-Ponty busca o resgate do olhar expressivo no campo da estética, compreendido como esfera do sensível e coextensivo ao corpo.

A trajetória de Merleau-Ponty é uma reabilitação do sensível na definição da ontologia do ser humano e no campo epistemológico, por isso a sua atualidade em vários domínios do pensamento humano, como nas Ciências Cognitivas, na Sociologia, na Epistemologia, na Educação, entre outras áreas de conhecimento, interessadas em novos olhares sobre o corpo e o fazer humano.

5. Chauí, 1983.

6. Novaes, 1997.

As Ciências Cognitivas, por exemplo, buscam, na filosofia de Merleau-Ponty, o corpo vivido, a experiência, a percepção, a motricidade, retomados como base para a compreensão da inscrição corporal do conhecimento nas teorias sobre aprendizagem. Varela⁷ aponta o começo de uma nova ciência bio-fenomenológica, referindo-se ao pensamento de Merleau-Ponty, ao relacionar cognição e experiência vivida no acontecer corporal do conhecimento.

Encontramos também em Merleau-Ponty textos políticos, como *As aventuras da Dialética, Marxismo e Filosofia, Humanismo e Terror*⁸, entre outros, nas quais o autor tece considerações sobre as interpretações mecanicistas do marxismo que afetam a compreensão da dialética, dos movimentos revolucionários e da História.

Merleau-Ponty viveu intensamente a sua época. Na Política, participou do movimento da Resistência Francesa e do Partido Comunista. No entanto, irá se despedir de uma certa concepção dialética da história e da vida. Nesse sentido, critica a dialética cristalizada por ela perseguir uma síntese totalizadora, recusando a dimensão dinâmica da história, da concretude, do cotidiano como perspectivas de horizontes existenciais.

O pensamento de Merleau-Ponty não busca sínteses apaziguantes, mas move-se na tensão das dicotomias, interrogando-as. Por isso mesmo, o debate inacabado de sua obra põe questões que permanecem e que se estendem para outras esferas, como o campo de análise das Ciências Cognitivas e da análise histórico-social, dentre outras possibilidades.

Em seu último escrito concluído, Merleau-Ponty defende que o século XX se distingue por superar as antíteses: materialismo e espiritualismo, pessimismo e otimismo, colocando a vida humana como uma ordem original:

Nosso século apagou a linha divisória entre o "corpo" e o "espírito" e vê a vida humana como espiritual e corporal de parte a parte, sempre apoiada no corpo, sempre associada, até nos seus modos mais carnis, às relações das pessoas. Para muitos pensadores, no fim do século XIX, o corpo era um pedaço de matéria, um feixe de mecanismos. O século XX restaurou e aprofundou a noção de carne, ou seja, do corpo animado.⁹

7. Varela et alli, 1996

8. Merleau-Ponty, 1975 a; 1968a

9. Merleau-Ponty, 1991, p.256

Elege a noção moderna de corpo vivido, presente já em Freud, para atribuir ao corpo a profundidade dos instintos, da sexualidade, da relação com o outro. Busca não falar de consciência, pois seria retomar o dualismo e admitir um setor central, provavelmente espiritual, para a conduta humana e uma periferia de automatismos. Ao abordar estas noções, não deixa de se referir à noção de inconsciente, como sendo algo existente entre nós mesmos e o organismo, um saber informulado, que não queremos assumir. "Com a psicanálise o espírito introduz-se no corpo, assim como, inversamente, o corpo introduz-se no espírito".¹⁰ Desenha-se assim um novo mapa, contendo novas questões para interrogar e compreender a relação corpo e alma, para além dos pressupostos racionalistas:

À medida que vamos nos aproximando do meio século, fica cada vez mais evidente que a encarnação e o outro são o labirinto da reflexão e da sensibilidade - de uma espécie de reflexão sensível - entre os contemporâneos ... uma outra característica das investigações deste meio século é admitir uma relação estranha entre a consciência e sua linguagem, como entre a consciência e seu corpo.¹¹

Merleau-Ponty pretendia fazer uma fenomenologia que articulasse o imaginário, o visível e o oculto, mas o inacabamento de seu trabalho, expresso principalmente nas notas de *O Visível e o Invisível*, nos deixa apenas as portas abertas para a interpretação e o desejo inacabado do autor. Em textos como *O Olho e o Espírito* e *O Visível e o Invisível*, o corpo e a linguagem sensível assumem aspectos de complexidade e a face oculta ou invisível do corpo, da linguagem, do conhecimento destaca-se como paradoxo da atitude fenomenológica.

Há, no pensamento de Merleau-Ponty, elementos que enfatizam o aspecto simbólico do corpo ou o enraizamento da consciência no corpo. Esse esforço reflete a sua crítica ao pensamento causal e à concepção fragmentária do humano, que reconhece no corpo apenas sua dimensão externa, objeto, máquina. Em obras como *O Olho e o Espírito* e *O Visível e o Invisível*, este esforço fica menos evidente, destacando-se a reversibilidade entre sujeito e objeto, interioridade e exterioridade, mecânico e intencional, embora noções como circularidade e reversibilidade já estejam presentes desde as primeiras obras.

10. Merleau-Ponty, Op. Cit., p.259

11. Merleau-Ponty, Op. Cit. p.262,263

No pensamento de Merleau-Ponty, o corpo, o movimento, o conhecimento sensível e os processos perceptivos são trazidos para o primeiro plano da reflexão; ao invés de privilegiar a análise da consciência, enfatiza a corporeidade. A consideração da subjetividade encarnada, explicitada na noção do elemento carne, proporciona um leque de possibilidades para a reflexão da ontologia do ser, do conhecimento e da ética.

O corpo, o sensível e o logos estético

O pensamento de Merleau-Ponty contrapõe-se ao discurso linear, que considera o corpo como um conjunto de partes distintas entre si ou submetido à análise intelectualista, apresentando a análise existencial, que considera o corpo a partir da experiência vivida ou como modo de ser no mundo.

Para o conhecimento do corpo, não basta dividi-lo em partes ou funções, mesmo reconhecendo a contribuição que as diferentes especializações trouxeram para tal compreensão. O argumento de Merleau-Ponty, segundo o qual toda técnica de corpo amplia a metafísica da carne, é significativo para redimensionarmos nossa visão do corpo. Nesse sentido, "é necessário reencontrar o corpo operante e atual, aquele que não é um pedaço de espaço, um feixe de funções, que é um entrançado de visão e movimento".¹²

O corpo não é coisa, nem idéia, o corpo é movimento, sensibilidade e expressão criadora. Esta é, de um modo geral, a concepção de corpo de Merleau-Ponty. O trajeto da concepção de corpo não é linear e apresenta-se sob diferentes aspectos no decorrer da obra deste filósofo. Da perspectiva do corpo sujeito, como crítica ao modelo maquínico do corpo objeto (fragmento do mundo mecânico), à perspectiva da corporeidade, fundada no corpo em movimento, configurando a linguagem sensível, confirmam-se as dificuldades do pensamento causal, da dialética cristalizada e da consciência para traduzir a complexidade dos processos corporais do ser humano em movimento, ao mesmo tempo que anuncia novos arranjos para o conhecimento do ser e da experiência humana, como o sentido estético.

O corpo não é uma massa material inerte e a causalidade linear, baseada no esquema estímulo-resposta, não se apresenta como a maneira mais apropriada de compreensão do universo corpóreo. Por sua vez, a sensação e a percepção não são elementos inferiores à evidência racional, aos conceitos lógico-matemáticos, sendo imprescindíveis ao processo

12. Merleau-Ponty, 1997, p.19

de conhecimento. Com esses argumentos, busca esclarecer a relação entre corpo e consciência, inaugurando uma nova possibilidade de compreensão deste fenômeno, a análise existencial, privilegiando o mundo das experiências vividas como plano primeiro da configuração do ser e do conhecimento.

Diante da insuficiência da objetividade científica e do idealismo metafísico, Merleau-Ponty busca uma nova forma para refletir sobre a condição humana, enfatizando a experiência e a relação entre o organismo e a consciência, não os reconhecendo como causalidades distintas. O organismo não é uma coisa inerte, mas esboça o movimento da existência e, posto que há sentidos, não existem movimentos em si no nosso corpo: "Nessa medida, até mesmo os reflexos têm um sentido, e o estilo de cada indivíduo ainda é visível neles, assim como o batimento do coração se faz sentir até na periferia do corpo".¹³

Criticando as compreensões de corpo defendidas pelo Empirismo e pelo Intelectualismo, Merleau-Ponty afirma que, na perspectiva fenomenológica, o corpo é compreendido, não como objeto ou um modo do espaço objetivo, tal como o concebe a Fisiologia mecanicista, que reduz a ação ao esquema estímulo-resposta e a percepção como ordenadora do sensível; nem a partir da idéia de corpo, como o faz a Psicologia Clássica, mas a partir da experiência vivida. "O corpo objetivo não é a verdade do corpo fenomenal"¹⁴, afirma o filósofo ao criticar a perspectiva da Ciência Clássica, fundada na causalidade linear, no esquema mecanicista do estímulo-resposta.

Merleau-Ponty apresenta uma visão de corpo diferente da tradição cartesiana: nem coisa, nem idéia, o corpo está associado à motricidade, à percepção, à sexualidade, à linguagem, ao mito, à experiência vivida, à poesia, ao sensível e ao invisível, apresentando-se como um fenômeno que não se reduz à perspectiva de objeto, fragmento do mundo regido pelas leis de movimento da mecânica clássica, submetido a estruturas matemáticas exatas e invariáveis.¹⁵

A experiência do corpo tem na motricidade a sua principal referência. A experiência do corpo em movimento ajuda-nos a compreender os sentidos construídos artificialmente, pelos conceitos, pela linguagem, pela cultura de um modo geral. Pelas diferentes possibilidades de expressão corporal podemos compreender a indeterminação da existência, possuindo vários sentidos, elaborados na relação consigo mesmo, com o

13. Merleau-Ponty, 1994, p.126

14. Op. Cit., p.578

15. Merleau-Ponty, 1992;1994

outro, com o próprio mundo. Trata-se de um outro gênero de compreensão do ser, entendendo este outro como alteridade, como elemento diverso, ao assentar a ontologia humana a partir de categorias até então consideradas inferiores, a saber: o corpo, o movimento, a percepção e a sensibilidade. Ao criticar as análises tradicionais acerca do corpo, do movimento e da percepção, Merleau-Ponty enfatiza a experiência corporal fundada numa perspectiva sensível e poética da corporeidade, buscando ultrapassar a dicotomia sujeito/objeto.

A expressão "sou meu corpo"¹⁶ sintetiza o encontro entre o sujeito e o corpo. O ser humano define-se pelo corpo, isto significa que a subjetividade coincide com os processos corporais. Mas, é preciso considerar que: "ser corpo é estar atado a um certo mundo"¹⁷. Na perspectiva fenomenológica, a dimensão essencial só apresenta sentido se unida à dimensão existencial, ao mundo vivido. Essência e existência apresentam-se como dimensões de um mesmo fenômeno, o ser humano.

Ao enraizar a consciência no corpo, Merleau-Ponty o faz através da noção de intencionalidade, especialmente a intencionalidade motora. Porém, não radicaliza o bastante, continuando preso a uma certa tradição mentalista. De um modo geral, é importante esclarecer a importância epistemológica da noção de reversibilidade dos sentidos na obra de Merleau-Ponty, pois, não se trata mais de atribuir um espaço ordenador à consciência, mas de compreender a circularidade entre processos corporais e estados neuronais, entre corpo e mente, possibilitada pela comunicação entre os sentidos. A reversibilidade faz as coisas mais profundas e coloca o corpo, não como suporte de uma consciência cognoscente, sempre referendada por um sujeito, daí a necessidade de um corpo-sujeito, mas, sim apresenta o corpo reflexionante, ou seja, o corpo na experiência do movimento, na comunicação entre os sentidos.

A noção de reversibilidade aprofunda a relação complementar entre o corpo-sujeito e o corpo-objeto, considerando a circularidade fundamental entre suas faces, as quais revelam seu pertencer ao mundo do objeto e a ordem do sujeito sendo, ao mesmo tempo, sensível e sentiente:

O enigma consiste em que o meu corpo é ao mesmo tempo vidente e visível. Ele, que mira todas as coisas, pode também olhar-se, e reconhecer naquilo que vê o "outro lado" do seu poder vidente. Ele vendo-se, toca-se tocando, é visível e sensível para si mesmo.¹⁸

16. Merleau-Ponty, 1994, p.208

17. Op. Cit. p.205

18. Merleau-Ponty, 1997, p.20,21

Enigma, labirinto onde sujeito e objeto não se reduzem a explicações lineares, pois: "Não são camadas, mas como dois segmentos de um único percurso circular que, do alto, vai da esquerda para a direita e, de baixo, da direita para a esquerda, constituindo, todavia, um único movimento em suas duas fases".¹⁹

Trata-se de compreender a inseparabilidade matéria e mente e conviver com a realidade paradoxal do uno e do múltiplo colocada pelo corpo existencializado. A compreensão de corpo não se reduz ao conhecimento anatômico, ao estado neural ou aos processos fisiológicos, abrange também o simbólico, como podemos observar no conceito de carne. O conceito ou elemento carne pode ser compreendido como o desapego de Merleau-Ponty à filosofia da consciência e a possibilidade de uma reflexão corporificada.

A carne não é matéria no sentido de corpúsculos de ser que se adicionariam ou se continuariam para formar os seres (...) A carne não é matéria, não é espírito, não é substância. Seria preciso, para designá-la, o velho termo elemento, no sentido em que era empregado para falar-se da água, do ar, da terra e do fogo, isto é, no sentido de uma coisa geral, meio caminho entre o indivíduo espaço-temporal e a idéia, espécie de princípio encarnado que importa um estilo de ser em todos os lugares onde se encontra uma parcela sua. Neste sentido, *a carne é um elemento do Ser*.²⁰

O desígnio da carne, como elemento, comunga com a noção pré-socrática da realidade como *physis*, em que não há separação entre as dimensões física, orgânica, social ou sagrada. A noção carne refere-se à natureza humana, à essência entre a matéria, a mente e o espírito, compreendendo essa relação dentro da reversibilidade, revelando a maleabilidade do humano, sua flexibilidade e abrangência.

Ora, essa carne que se vê e se toca não é toda a carne, nem essa corporeidade maciça todo o corpo. A reversibilidade que define a carne existe em outros campos, é mesmo incomparavelmente mais ágil, e capaz de estabelecer entre os corpos relações que desta vez, além de alargarem, irão definitivamente ultrapassar o campo do visível.²¹

19. Merleau-Ponty, 1992, p.134

20. Grifo nosso. Merleau-Ponty, 1992, p.135,136

21 Op. Cit., p.140

A metáfora da carne amplia a compreensão fenomenológico-existencial do corpo, sobretudo ao enfatizar a experiência sensível. O sensível não é a aparência confusa que precisa ser eliminada pela consciência, nem a simples objetivação da matéria física. O sensível é uma realidade constitutiva do ser e do conhecimento que se manifesta nos processos corporais.

Em *O Filósofo e sua Sombra*, Merleau-Ponty retoma o pensamento de Husserl, enfatizando o impensado da obra do filósofo, especialmente os temas da redução, da constituição e da ontologia do ser, elaborando a tese do sensível. O sensível constitui a síntese da percepção e do movimento, nível constituinte do ser e do conhecimento:

*A carne do sensível, esse grão concentrado que detém a exploração, esse ótmo que a termina refletem a minha própria encarnação e são a contrapartida dela. Há aí um gênero do ser, um universo com seu "sujeito" e com seu "objeto" sem iguais, a articulação de um no outro e a definição de uma vez por todas de um "irrelativo" de todas as "relatividades" da experiência sensível, que é fundamento de direito para todas as construções do conhecimento. *Todo o conhecimento, todo o pensamento objetivo vivem desse fato inaugural que senti*, que tive com essa cor ou qualquer que seja o sensível em causa, uma existência singular que tolhia repentinamente o meu olhar, e contudo prometia-lhe uma série indefinida de experiências, concreção de possíveis desde já reais nos lados ocultos da coisa, lapso de duração dado numa só vez.²²*

O sensível assume um lugar central no pensamento de Merleau-Ponty, constituindo-se em uma noção orientadora para reflexões ontológicas e epistemológicas. A possibilidade da linguagem sensível assume o fato de que nem tudo, na linguagem, pode ser compreendido, pois há sempre lacunas, mas necessariamente precisa ser vivido para adquirir sentido. A consideração da experiência permite compreender diferentes formas de linguagem como o mito, a poesia, expressões sensíveis diretamente vinculadas à corporeidade e comunicadas pelo movimento.

O elemento sensível relaciona o corpo à unidade do humano, uma unidade que se revela na diversidade, aproximando a linguagem do corpo da expressão artística, do viés sensível. A linguagem sensível privilegia a beleza, a poesia e a diversidade da linguagem corporal.

22. Grifo nosso. Merleau-Ponty, 1991, p.184.

A metáfora da obra de arte, que diz respeito à configuração plástica, móvel e poética do corpo, realça a procura por novas formas de compreender o mundo, indo além do racionalismo. Nesse sentido, sobre a expressão do mundo, temos que: "É preciso que ela seja poesia, isto é, que desperte e reconvoque por inteiro o nosso puro poder de expressar, para além das coisas já ditas ou já vistas".²³

A obra de arte está colocada como campo de possibilidades para a vivência do sensível, não como pensamento de ver ou de sentir, mas como reflexão corporal, fundada no movimento. Podemos ilustrar a reflexão corporal a partir da consideração da filmagem em, câmera lenta, do trabalho de Matisse:

Esse mesmo pincel que, visto a olho nu, saltava de um ato para outro, podia-se vê-lo meditar, num tempo dilatado e solene, numa iminência de começo do mundo, tentar dez movimentos possíveis, dançar diante da tela, roçá-la várias vezes, e por fim abater-se como um raio sobre o único traçado necessário(...) *Não considerou, com o olhar da mente, todos os gestos possíveis, e não precisou eliminá-los todos, exceto um, justificando-lhes a escolha.* É a câmera lenta que enumera os possíveis. Matisse, instalado num tempo e numa visão de homem, olhou o conjunto aberto de sua tela começada e levou o pincel para o traçado que o chamava, para que o quadro fosse afinal o que estava em vias de se tornar (...) *Tudo se passou no mundo humano da percepção e do gesto.*²⁴

A linguagem sensível configura possibilidades de outro arranjo para o conhecimento, expresso na dimensão estética. O logos estético exprime o universo da corporeidade, da sensibilidade, do ser humano em movimento no mundo, cultura e história, criando e recriando, comunicando-se e expressando-se. O sentido da corporeidade revela-se na dinâmica do corpo em movimento, configurando uma linguagem sensível, gestos e silêncios, pensamento e fala. A comunicação exige a consideração do mundo sensível, tratando-se de um novo arranjo para o conhecimento, o logos estético:

A primeira palavra não se estabeleceu numa inexistência de comunicação porque ela emergia das condutas que já eram comuns e

23. Merleau-Ponty, 1991, p.53

24. Grifo Nosso. Merleau-Ponty, 1991, p.46

tomavam raízes num mundo sensível que já tinha cessado de ser mundo privado... Esse mundo sensível é o logos do mundo estético.²⁵

Sendo a primeira palavra gesto afirma-se um novo sentido para o logos, realiza-se, deste modo, a leitura da dimensão poética e plástica do corpo em movimento. Trata-se de uma nova possibilidade de leitura do real e da linguagem sensível, procedendo-se pela reversibilidade dos sentidos. No prefácio de "O Olho e o Espírito", destaca-se a celebração do corpo em Merleau-Ponty, através da experiência estética:

Para lá do encantamento provocado pela arte do pintor, esse primeiro deslumbramento, que nasce do simples fato de se ver, de se sentir e de se surgir, aí - do fato desse duplo encontro do mundo e do corpo, na origem de qualquer saber, e que excede o concebível.²⁶

Apesar de Merleau-Ponty enfatizar o olhar como metáfora para a sua análise estética, há que se considerar a reversibilidade dos sentidos, apontando para outras formas de sensibilidade, como o tato, a audição e outros que possibilitam a vivência e do que é expresso pelos gestos como dimensão expressiva do ser humano, por exemplo no mito, na expressão dramática do teatro e da dança, na linguagem, considerando-se não apenas a linguagem objetiva, mas a dimensão poética da comunicação.²⁷

A experiência vivida é habitada por esse sentido estético presente na corporeidade, na motricidade, na sensibilidade, campo de possibilidades para nos aprofundarmos nos acontecimentos, retomando sentidos e significados da linguagem, que é comunicação e expressão desta mesma vivência. A experiência do corpo configura, pelo movimento, uma comunicação gestual destinada, no ato perceptivo, aos sentidos atribuídos pelo espectador. A experiência estética amplia a operação expressiva do corpo e a percepção, afinando os sentidos, aguçando a sensibilidade, elaborando a linguagem, a expressão e a comunicação.

Considerando o pensamento de sua época, os primeiros cinquenta anos do século XX, Merleau-Ponty diz que o mundo sensível e o mundo da expressão afetam o ser e a subjetividade, mas o ser humano ainda é definido pelo seu poder de atribuir significados, apelando-se à consciência. Para o filósofo, o caminho do mundo sensível ao mundo da expressão caracteriza-se como uma trajetória perceptiva, na qual a motricidade e

25. Merleau-Ponty, 1974, p.57

26. Lefort, 1997, p.6

27. Merleau-Ponty, 1990 a

as funções simbólicas não estão separadas pelo entendimento, mas entrelaçadas na reversibilidade dos sentidos, na dimensão estética.²⁸

Final de século. A reflexão de Merleau-Ponty continua desafiadora, no sentido de concretizarmos a perspectiva da sensibilidade e da corporeidade. Uma atitude que convida a uma convivência poética com o corpo, através do logos estético e da redescoberta do sensível; convida a uma abertura ao mundo e às configurações desenhadas pelo movimento. Convida, pela reversibilidade dos sentidos, ao enlace com a cor, forma, sonoridade, olhares e imagens do mundo e dos outros corpos, percebendo a profundidade do encontro e dos acontecimentos. Convida a tomar parte na história e na cultura por meio da experiência do corpo, experiência que revela a complexidade da existência.

Por fim, sobre o pensamento de Merleau-Ponty e a sua contribuição para uma convivência poética com o corpo, inspiro-me na seguinte reflexão:

As questões para as quais [Merleau-Ponty] se preparava e nos preparava são sinais que nos deixou, como nos contos maravilhosos são deixados os talismãs: ali ficam à espera de que alguém, olhando para eles como os outros olham, ainda seja capaz de vê-los.²⁹

É como um talismã que olho para a obra de Merleau-Ponty, não busco conceitos cristalizados, pois ele mesmo não os buscava, mas atitudes, novos modos de olhar, compreender e viver, considerando a experiência originária e sedutora do corpo, do movimento, do sensível e da estética.

Abstract

In Merleau-Ponty, the body is work of art and its language is poetic. Merleau-Ponty defines an expressive look of the body, which configures a sensible language expressed in movement. He presents a new concept of perception, as the occurrence of motility and a new argument for knowledge, the esthetic, designing, with significative traces, senses for a dense comprehension of corporeality. Corporeality is comprehended in a paradoxal arrangement. In this manner, perception is an important element incomprehending the "expressive operation of the body, initiated by the lesser perception, which augments it self in painting and in art.

28. Merleau-Ponty, 1968

29. Chauí, Op. Cit. p.279

Referências Bibliográficas

CHAUÍ, M. *Da realidade sem mistérios aos mistérios do mundo*: Espinosa, Voltaire, Merleau-Ponty. 3a ed. São Paulo: Brasiliense, 1983.

LEFORT, J-P. Prefácio In: MERLEAU-PONTY, M. *O Olho e o espírito*. Lisboa: Vega, 1997.

MERLEAU-PONTY, M. *Le monde sensible et le monde de l'expression*. Résumés de cours. Collège de France 1952-1960. Paris: Gallimard, 1968.

_____. Humanismo e terror: *Ensaio sobre problema comunista*.

Tradução de Naume Ladosky. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1968 a.

_____. O Homem e a comunicação: *A prosa do mundo*.

Tradução de Celina Cruz. Rio de Janeiro: Edições Bloch, 1974.

_____. A Estrutura do comportamento.

Tradução de José de Anchieta Corrêa. Belo Horizonte, MG: Interlivros, 1975.

_____. Textos escolhidos.

Seleção e tradução de Marilena Chauí. São Paulo: Abril Cultural, 1975 a

_____. O Primado da percepção e suas conseqüências filosóficas.

Tradução de Constança Marcondes César. Campinas, SP: Papirus, 1990.

_____. Merleau-Ponty na Sorbonne: resumo de cursos - Filosofia e Linguagem. Campinas, SP: Papirus, 1990 a.

_____. Signos.

Tradução de Maria Ermantina G.G. Pereira. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

_____. O Visível e o Invisível. 3a ed.

Tradução de Artur Gianotti e Armando Mora. São Paulo: Editora Perspectiva, 1992.

_____. Fenomenologia da Percepção.

Tradução de Carlos Alberto Ribeiro de Moura. São Paulo: Martins Fontes, 1994.

_____. O Olho e o Espírito. 2ª ed.

Tradução de Luís Manuel Bernardo. Lisboa: Vega, 1997.

NOVAES, A. (Org) O Olhar. São Paulo: Companhia das Letras, 1997

ROBINET, A. Merleau-Ponty: sa vie, son ouvre. Collections philosophes: Paris:

Press Universitaires de France, 1963.

VARELA, F. et alii. Embodied mind: cognitive science and human experience. London:

The MIT Press, 1996

E-mail: pnobrega@ufrnet.br